

Eleições Europeias 2019

Maio / 2019

We know Brussels





CC-BY-4.0: © European Union 2019 – Source: EP

A grande coligação entre PPE e S&D, que foi a grande força motriz no Parlamento Europeu nos últimos anos, não será agora suficiente para fazer uma maioria.

DR

ELEIÇÕES EUROPEIAS 2019

As quatro principais notas sobre os resultados eleitorais (numa perspectiva global e de Bruxelas) são (1) que a grande coligação PPE-S&D não será suficiente para garantir metade dos deputados eleitos; (2) os “liberais” são os grandes vencedores, que passarão a ser parte da maioria, quer no Parlamento, quer no Conselho; (3) os Verdes ganham alguma importância no Parlamento (mas não estão no Conselho); e (4) os partidos à direita do PPE, embora cresçam em mandatos e tenham presença no Conselho, terão dificuldade em constituir um grupo coeso que venha a ter relevância para as maiorias parlamentares.

Embora o PPE (Partido Popular Europeu) e o S&D (Socialists & Democrats) continuem a ser os dois maiores grupos políticos no Parlamento Europeu, perdem mandatos e deixam de, em conjunto, garantir uma maioria: o PPE passa de 216 para 177 mandatos e o S&D de 184 para 145 deputados eleitos. Isto significa que a grande coligação entre PPE e S&D, como grande força motriz no Parlamento Europeu nos últimos anos, deixa de existir.

Os “liberais” do ALDE (Aliança dos Liberais e Democratas Europeus), que por imposição francesa irão ter outro nome, são os grandes vencedores, passando a ser o terceiro maior grupo político, com perto de 110 deputados. Nessa medida, passarão a fazer parte das maiorias necessárias e terão de ser incluídos na distribuição de *top jobs*, tradicionalmente, feita entre PPE e Socialistas. A hipótese, que foi se formando durante a campanha eleitoral, de

uma “grande frente progressista” do ALDE à GUE, que isolasse o PPE, não parece vir a ser possível porque estes grupos somados não conseguirão maioria de votos no Parlamento.

Relativamente à discussão em torno dos *top jobs*, na reunião do Conselho de 28 de Maio, resulta que quer socialistas (através de Costa), quer liberais (através de Macron) terão colocado dificuldades ao nome de Manfred Weber como presidente da Comissão Europeia, pelo que as hipóteses de este vir a assumir o cargo são pequenas, pese embora o PPE tenha sido o partido mais votado. Na verdade, na reunião do Conselho de 28 de Maio não terão sido discutidos nomes, mas parece estar a ganhar terreno a possibilidade de o próximo Presidente da Comissão não ser um dos *Spitzenkandidat*. Macron deixa intuir a possibilidade de não ser oposição ao nome de Barnier, mas há movimentações no sentido de que a sucessora de Juncker seja Margrethe Vestager, a liberal dinamarquesa, que poderia ser a primeira mulher a chefiar a Comissão (cenário que cairia bem num momento em que a presença de mulheres nos *top jobs* é essencial).

Se no Conselho não há muita vontade de limitar a discussão sobre o futuro Presidente da Comissão aos *Spitzenkandidat*, já o Parlamento Europeu reconfirmou o seu compromisso com este processo, reiterando que o próximo Presidente da Comissão deve ser alguém que tenha feito conhecer o seu programa e personalidade antes das eleições e que tenha participado na campanha (o que excluiria Barnier e só permitiria Timmermans ou Vestager). No entanto, a formulação encontrada pelo Parlamento é suficientemente maleável para poder ser moldada a outra solução, como Barnier, cujo trabalho e personalidade é bem conhecido e que nos últimos anos, por causa da negociação do BREXIT, acabou por estar muito presente nas várias capitais.

Prevê-se, portanto, que as próximas semanas sejam bastante preenchidas para os Chefes de Estado e de Governo, na tentativa de encontrar um compromisso institucional com o Parlamento e um equilíbrio entre Estados, famílias políticas e

género no preenchimento dos lugares de topo da hierarquia europeia, onde está incluída a presidência do Banco Central Europeu.

Importa notar que, neste momento, no Conselho Europeu há 9 Governos liderados pelo PPE (8 se excluirmos a Hungria), 8 liderados pelos Liberais (9 incluindo França) e 5 liderados por Socialistas, pelo que o peso dos Liberais no Conselho é muito superior ao seu peso no Parlamento, sendo por isso mesmo muito relevante para todas as maiorias necessárias à aprovação dos nomeados para os *top jobs*.

Quanto aos Verdes, que também crescem em países relevantes, como a Alemanha, França, Finlândia e Luxemburgo, não é ainda certo se serão o quarto maior grupo político¹. Embora se preveja que a sua influência vá ser grande, ela será, sobretudo, indirecta. Por não haver governos europeus liderados por Verdes, estes não fazem parte do Conselho nem deverão ter influência na designação de Comissários. Contudo, a sua importância eleitoral à escala europeia (perto de 70 mandatos) e, em especial em França e na Alemanha (onde historicamente já foram parte da maioria de governo), deverá fazer com que os principais partidos adoptem parte das suas preocupações para travar uma sangria eleitoral. Não é, por isso, de excluir que a Comissão Parlamentar de Ambiente seja reformulada e é de crer que possa ganhar peso neste mandato. Também a área do clima na nova Comissão Europeia terá uma importância reforçada. A temática das alterações climáticas é um ponto fundamental que marcou não apenas a campanha eleitoral, mas que está a motivar uma mobilização sem precedentes da sociedade civil, sobretudo dos mais jovens, o que fará com que os decisores europeus tenham um renovado compromisso com este tema.

Por fim, à direita do PPE há várias peças a mexer. Apesar dos partidos nacionalistas não terem crescido tanto quanto as sondagens previam, a verdade é que aumentaram muito a sua representação (passaram de 78 para cerca

¹ Depende do que resultar da tentativa de Salvini de fazer uma grande aliança nacionalista.

de 115 mandatos). Além desse crescimento, há a tentativa de construir uma aliança nacionalista, impulsionada por Salvini, que pretende agregar vários dos partidos com retórica semelhante numa frente comum, à qual é dado o nome provisório de Aliança Europeia dos Povos e Nações. Embora nos pareça que será difícil conciliar os vários interesses em jogo num único bloco de negociação, há que considerar que 4 das maiores delegações de deputados no Parlamento Europeu são de partidos com um discurso nacionalista (Brexit, Lega Norte, PiS e RN). Para além disso, será necessário perceber qual será o posicionamento do PiS (actualmente no ECR) e do Fidesz (actualmente suspenso do PPE) num quadro de possível grande aliança, atendendo à aproximação que foi feita por Salvini quer ao Governo polaco, quer ao Governo húngaro. Apesar de pontos comuns entre todos estes partidos, como a retórica nacionalista e anti-imigração, a verdade é que a dividi-los há questões muito relevantes como a relação com

a Rússia, a política orçamental da UE e as visões sobre o futuro da União Económica e Monetária. Por outro lado, o partido Brexit é suposto estar no Parlamento apenas até 31 de Outubro, embora essa seja uma questão por resolver.

Para além destes novos equilíbrios no Parlamento, no Conselho temos os governos polaco, húngaro e italiano com a mesma retórica nacionalista e com importantes sucessos eleitorais. Sendo, tal como dissemos, pouco provável que se forme uma frente que inclua a toda direita nacionalista no Parlamento, no Conselho não se deve esperar que as suas posições sejam completamente ignoradas, dado o peso de Estados como a Itália ou a Polónia. Isto pode significar que muitas propostas que tenham o acordo no Parlamento possam vir a ficar bloqueadas (ou pelo menos serem de mais difícil resolução) no Conselho.

Próximos acontecimentos relevantes:

Maio/Junho 2019

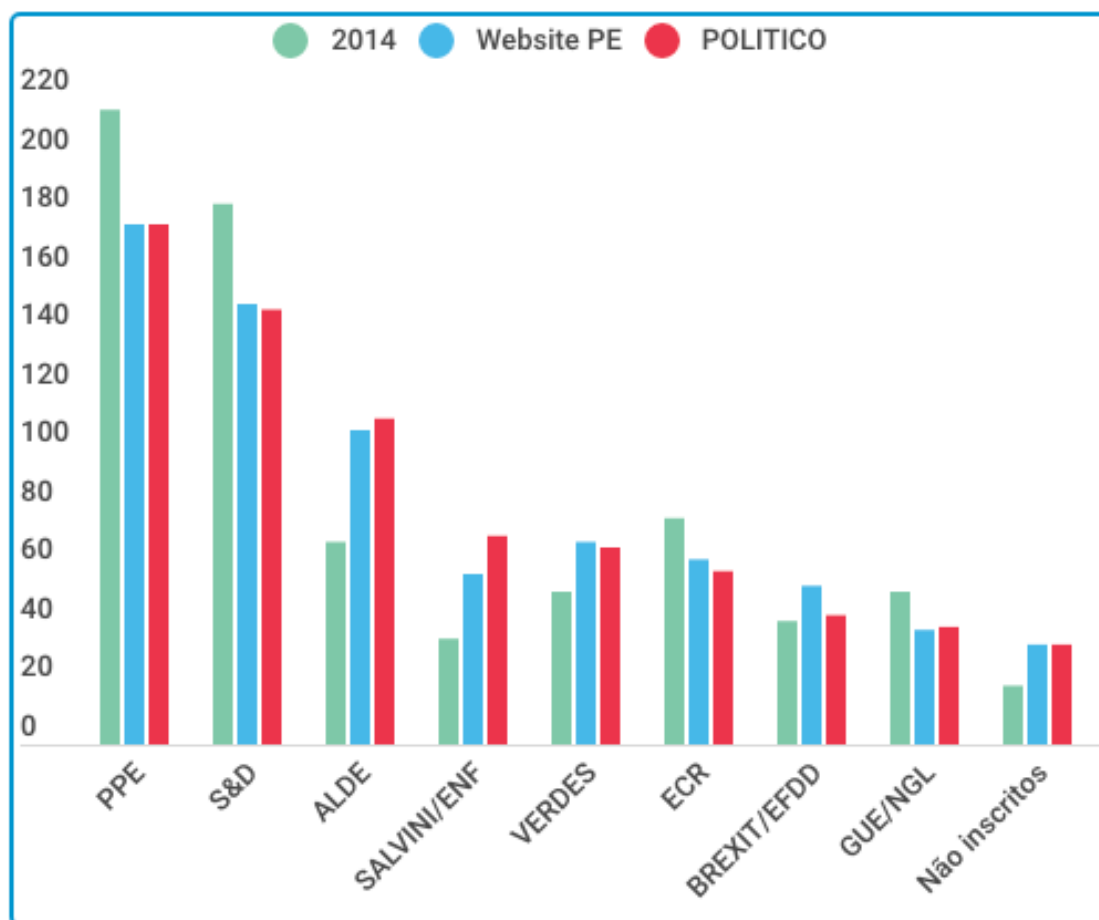
Conselho Europeu Extraordinário (28/05)
Formação dos Grupos Políticos
Conselho Europeu (21-22/06)

Julho 2019

Sessão plenária inaugural do Parlamento Europeu (2-4/07)
Entrada em funções das novas comissões parlamentares (8-11/07)
Eleição do Presidente da Comissão Europeia (15/07)

Setembro/Octubro 2019

Audições dos comissários nomeados, perante o Parlamento Europeu

Projeção dos grupos políticos no Parlamento Europeu na 9a. legislatura (2019-2024)

O gráfico apresenta a situação dos grupos políticos no período 2014-2019 (coluna 1) e as projecções do Parlamento Europeu (PE) (coluna 2) e do POLITICO (coluna 3) para a legislatura que vai em breve ter início. Os números diferem ligeiramente, uma vez que POLITICO é mais proactivo a assumir mudanças nas alianças pós-eleitorais e o site do PE mais conservador (caso por exemplo dos True Finns que o PE dá como continuando no ECR, mas que o POLITICO considera parte da "Aliança Europeia de Povos e Nações" impulsionada por Salvini, dada a sua aproximação recente).

Embora o PPE (Partido Popular Europeu) e o S&D (Socialists & Democrats) continuem a ser os dois maiores grupos políticos no Parlamento Europeu,

ambos perderam mandatos: o PPE passa de 216 para 177 e o S&D de 184 para 150 ou 145 (conforme dados do PE ou do POLITICO, respectivamente). Isto significa que a grande coligação entre PPE e S&D, que foi a grande força motriz no Parlamento Europeu nos últimos anos, não será agora suficiente para fazer uma maioria.

O ALDE (Alliance of Liberals and Democrats for Europe), devido ao fenómeno Macron (mas também ao esvaziamento do S&D e PPE em vários países, como Espanha e Reino Unido), passa a terceira força, subindo de 69 para 111 mandatos.

O ECR (European Conservatives and Reformists)

também é um grande perdedor: perde o estatuto de terceiro mais votado, passa para quinta ou sexta força (dependendo dos números) e pode ainda sofrer mais perdas, caso venham a ocorrer saídas para a aliança de Salvini ou outras.

Os Verdes, apesar do impacto mediático e político dos seus resultados, passam apenas de 52 para 69 mandatos, no melhor cenário. E deve registar-se que há países em que perderam mandatos, como na Suécia, na Áustria e em Espanha.

A GUE/NGL (European United Left–Nordic Green Left), por seu turno, cai dos 52 para os 40 mandatos, perdendo peso relativo e efectivo, embora já não fosse uma força política que fizesse parte dos grandes consensos.

No que respeita à direita nacionalista, se olharmos para os dois grupos que existiam, o EFDD (Europe of Freedom and Direct Democracy) - agora conotado com o Movimento 5 Estrelas e o Brexit Party -, e o ENF (Europe of Nations and Freedom) - agora transformado na lista Salvini (com o nome provisório de Aliança Europeia dos Povos e Nações), o segundo é o que mais cresce, duplicando praticamente os mandatos (36 para 70 nas contas do POLITICO) mas mesmo na perspectiva mais conservadora do PE, passa para 58. Já o EFDD, mantêm-se praticamente na mesma nas contas do POLITICO e crescem 10 mandatos nas do PE. Se os dois blocos chegassem a entendimento, o que não parece provável, mas não é impossível em alguns temas, constituiriam o terceiro maior grupo, à frente do ALDE.



NOTA: Os futuros grupos políticos no Parlamento Europeu não estão ainda definidos e estes números variam diariamente, conforme as alianças que se vão negociando, por ora apenas de forma pouco significativa. A título de exemplo, nos eleitos do PPE estão contabilizados os deputados do Fidesz, de Viktor Orbán, não sendo claro que este partido se mantenha no grupo.

Fundada em 2009, a Eupportunity é uma consultora especializada em assuntos europeus. Com escritório em Bruxelas, no coração do bairro Europeu, está numa posição privilegiada para acompanhar as iniciativas políticas e legislativas europeias, defender as posições dos seus clientes perante o legislador comunitário e identificar oportunidades de negócio e de financiamento a partir de Bruxelas.

Temos uma equipa experiente e multidisciplinar que trabalha em três grandes áreas de actividade: representação de interesses; financiamentos europeus; e internacionalização através das oportunidades geradas pelos fundos de cooperação externa e pela contratação pública das Instituições europeias.

Cerca de dois terços da legislação que, directa e indirectamente, afecta a actividade económica de milhões de cidadãos e empresas decidem-se nas Instituições Europeias: Comissão, Parlamento e Conselho. Conhecer o seu funcionamento, participar no processo de decisão e antecipar é a melhor forma de as empresas se preparem, atempadamente, para as alterações legislativas e encontrarem financiamentos e novos negócios.

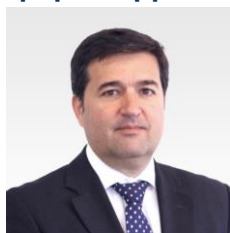
Estar bem representado em Bruxelas é, sobretudo, estabelecer uma excelente rede de comunicação, interagir com as Instituições, monitorizar os desenvolvimentos das iniciativas políticas e legislativas relevantes e contribuir para soluções melhores e mais adequadas à realidade. É ser reconhecido como um *stakeholder* relevante que sabe o que se está a discutir, tem um contributo a dar no momento certo e aproveita as oportunidades. Na Eupportunity garantimos uma ligação permanente e personalizada entre os nossos clientes e as Instituições Europeias e *stakeholders* em Bruxelas.

Ser útil, credível e oportuno. **We know Brussels!**

A Equipa Eupportunity



Luís Queiró
Senior Partner



Henrique Burnay
Senior Partner



Beatriz Soares Carneiro
Consultora Sénior



Carla Velasco Martins
Consultora Sénior



Miguel Franco e Abreu
Consultor Sénior



Utímia Madaleno
Consultora Sénior



Afonso Araújo
Consultor



Thaís Gonçalves
Consultora



BRUXELAS

Rue du Parnasse 30, 1050
Bruxelles - Belgique
Tel. +32 2 5113370

LISBOA

Av. António Augusto Aguiar, 165, 1º Dto
1050-014 Lisboa - Portugal
+ 351 21 3883879

eupportunity@eupportunity.eu
www.eupportunity.eu


eupportunity
european affairs consulting